



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TEREZA CRISTINA ALVES SOARES

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E AS
DIFICULDADES DOS ALUNOS NOS ANOS INICIAIS**

CAJAZEIRAS - PB

2009

SIMONE VIEIRA DOS SANTOS

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E AS
DIFICULDADES DOS ALUNOS NOS ANOS INICIAIS**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Plena em Pedagogia do
Centro de Formação de Professores da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



S676p Soares, Tereza Cristina Alves.
O processo de aquisição da leitura e as dificuldades dos alunos nos anos iniciais / Tereza Cristina Alves Soares.- Cajazeiras, 2009.
40f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Dificuldades de leitura. 4. Prática de leitura. 5. Aquisição de leitura - series iniciais. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

TEREZA CRISTINA ALVES SOARES

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E AS DIFICULDADES DOS
ALUNOS NOS ANOS INICIAIS

Apresentado em ____/____/____.

Ms. Maria Janete de Lima

CAJAZEIRAS – PB

2009

Dedico este trabalho a minha filha Maria
Clara e aos meus alunos do 3º ano da
EMEIEF Antônio de Sousa Dias.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu forças para concluir o curso e realizar o meu sonho;

A minha família pelo incentivo e paciência em compreender minha ausência nos momentos de estudo;

A professora Ms. Maria Janete de Lima, orientadora deste trabalho, pelos seus conhecimentos, sua atenção e a sua boa vontade;

No fundo, o educador que respeita a leitura de mundo do educando reconhece a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, desta forma, recusando a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica. (FREIRE, 1996:123).

RESUMO

O interesse dos alunos pela leitura é hoje um aspecto preocupante na educação, principalmente nos anos iniciais, pois, neste período de escolarização a criança começa a despertar o seu interesse para ler. A leitura é tão importante para a educação como também para o convívio com o meio social em que vivemos. Neste contexto, a presente monografia que tem por título Dificuldades dos alunos no processo inicial de aquisição da leitura nos anos iniciais apresenta como objetivo principal identificar as dificuldades encontradas na aquisição da leitura. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio de Sousa Dias, localizada na zona rural da cidade de Cajazeiras - PB, no Sítio Cocos. Nossa perspectiva é de contribuir com ações desenvolvidas pelos professores para que seus alunos possam adquirir a aprendizagem das atividades com mais facilidade. Considerando estas dificuldades e estes problemas, buscamos estudar com determinação investigando as dificuldades dos alunos no processo de aquisição da leitura e refletindo no que os professores podem fazer para estimular nos alunos o gosto pela leitura, procurando nas teorias que iremos fundamentar neste estudo alguns caminhos que nos proporcionem exercer a prática docente com mais eficácia, contribuindo essencialmente com a formação dos nossos alunos. Os dados dessa monografia serão embasados por diferentes tipos de fontes, como pesquisa bibliográfica e documental. Utilizamos também visitas à escola, questionários e estágio supervisionado.

Palavras – chave: Leitura. Processo. Motivação. Cidadania.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CAPÍTULO I : O PROBLEMA CULTURAL DA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	5
2.1. A leitura nas salas de alfabetização.....	9
3. CAPÍTULO II: PRÁTICAS DE LEITURA NO ÂMBITO ESCOLAR.....	14
3.1. A leitura e sua dimensão social.....	19
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	24
5. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	34
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
7. ANEXOS.....	37

1- INTRODUÇÃO

Vivemos em um país letrado, onde aqueles que dominam a leitura e a escrita exercem o poder sobre os que não a possuem. Uma sociedade que visa o favorecimento da classe dominante, por meio de sua ideologia, mascarando a realidade, oprimindo e explorando os dominados, na busca da manutenção de sua hegemonia.

Devido à temática leitura ser motivo de reflexão, e na tentativa de compreendermos melhor esta temática nos respaldamos principalmente em autores como: Cagliari, Freire e Martins.

São vários os estudos realizados sobre a questão da importância da leitura. Entendida, como uma prática da liberdade e do prazer, que favoreça o desenvolvimento cognitivo da criança. Uma leitura tão definida por Freire (2001:20) quando diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ler para compreender, intervir indagar proporcionando o exercício da cidadania.

Na perspectiva de Cagliari(1994) uma das características da leitura consiste uma compreensão ampla, incluindo aspectos filosóficos, ideológicos culturais, do leitor. Assim cada leitor tem uma forma diferenciada de ler, que deve ser respeitada principalmente pela escola.

Segundo Perez & Garcia (2001) um dos objetivos básicos da educação na sociedade pós-moderna trata sobre o desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos educandos, como agentes ativos do processo de construção do conhecimento. E diante dos variados estudos indagados a relevância da leitura para a formação do cidadão consciente, crítico e reflexivo, ainda nos deparamos com praticas de leitura que favorecem apenas a aquisição mecânica de decodificação, em que o aluno aprende a ler mais não se torna leitor.

Podemos constatar essa afirmação através dos resultados de duas avaliações das habilidades de leitura de crianças e jovens brasileiros. A primeira é a do Sistema de Avaliação da Educação Básica, o Saeb, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). A segunda é do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), desenvolvida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Dentro dessa perspectiva, realizamos esse trabalho objetivando investigar quais são os desafios vivenciados pelos professores no processo de formação de leitores.

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio de Souza Dias onde contamos com a participação de oito professoras que lecionam no turno da manhã. A referida escola fica localizada na zona rural da cidade de Cajazeiras, no sítio Cocos.

A opção pelo tema surgiu da necessidade que vivenciamos em nosso cotidiano, a angústia de convivermos com o fracasso da evasão e da repetência, gerando a baixa autoestima dos educandos, que chegam as terceiras e quartas séries sem saber ler.

Procedemos com a aplicação do questionário que proporcionou obtermos informação necessária para averiguar questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Posteriormente realizou-se o estágio supervisionado que viabilizou refletir e discutir a temática em estudo, aprofundando conhecimentos que se fazem necessárias a prática do ensino.

Analisar a escola enquanto instituição que trabalha desenvolvendo práticas de leitura e como essa prática é vivenciada. Conhecer a concepção dos docentes sobre a função e importância da leitura identificando os principais desafios que podem vir a intervir no processo de formação do leitor, torna-se fundamental para que pudéssemos possibilitar o acesso a conhecimentos teóricos que nos levou a refletir sobre o processo de aquisição da leitura, discutindo novas possibilidades de trabalho. Que favoreça o desenvolvimento de uma prática voltada à formação do leitor crítico e reflexivo.

Portanto, é preciso colocar em prática saberes que são indispensáveis ao desenvolvimento de uma práxis voltada para a construção do conhecimento, em que a leitura seja instrumento de transformação e prazer, aceita pelos alunos como um momento de construção e descobertas e não como obrigação. Devemos repensar a nossa prática, refletindo sobre as possíveis causas desse fracasso escolar, especialmente no que refere à leitura.

Toda essa problemática proporcionou uma visão mais ampla acerca da leitura, levando-nos a discutir e refletir sobre a nossa prática enquanto formadores de leitores. Haja vista, os problemas enfrentados, por se viver em um país com tantas riquezas, porém com tantas desigualdades. Problemas esses, que se tornam mais agravantes por não terem consciência do porque eles acontecem, já que vivemos em um país aonde o índice de analfabetismo chega a ser alarmante.

O presente trabalho está estruturado seguindo as seguintes etapas:

Na primeira etapa, apresentamos o referencial teórico que está dividido em três capítulos: capítulo 1 – O PROBLEMA CULTURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR – onde fazemos um resgate histórico do processo educacional brasileiro, pois é preciso conhecer os fatos históricos para que possamos compreender a realidade atual. Propomos discussões retratando que desde muito cedo as crianças já tem contato e convivem com a leitura e a escrita, tendo a escola, a responsabilidade social de dar continuidade a esse processo. Capítulo 2 – PRÁTICAS DE LEITURA NO ÂMBITO ESCOLAR – onde procuramos enfatizar a importância da leitura para a formação crítica, investigando quais problemas enfrentados no cotidiano de uma sala de aula.

O ensino da leitura na escola vem se caracterizando como um grande problema na formação de leitores, onde encontramos muitas considerações sobre as chamadas dificuldades de leitura e apesar de inúmeras reflexões em torno dessa temática (leitura), ainda vivenciamos processos educacionais fragmentos que pouco ou nada contribuem para efetivação da leitura, distanciando o ensino do seu principal objetivo que é a formação do leitor. Nossas discussões levam o grupo a constatar os principais problemas enfrentados, percebendo como os baixos salários, a falta docente na formação do leitor. Destaca-se os baixos salários, a falta de material didático, falta de interesse dos políticos, a pouca ou nenhuma participação dos pais na vida escolar dos filhos, ao desinteresse dos alunos e o comodismo de alguns profissionais. Segundo elas, esses são os principais problemas que precisam enfrentar.

A partir das manifestações dos docentes frente às problemáticas vivenciadas, acabamos evidenciando que a busca de estudos sobre teóricos que tratam do assunto torna-se fundamental para se obter alguma resposta, tentando propor soluções para alguns desses problemas. Consideramos que é preciso produzir uma mudança qualitativa na apresentação escolar da leitura, onde todos os envolvidos reconheçam sua função e qual participação dentro desse processo tão necessário ao desenvolvimento pessoal e profissional do indivíduo.

Portanto, não adianta apenas conhecer ou reconhecer que mudanças se fazem necessárias para melhorar a qualidade de ensino. É fundamental que além de oferecer uma formação fundamental em conhecimentos teóricos, o próprio professor aceite ou queira adotar mudanças. Precisamos, portanto considerar o ponto de vista dos professores e suas particularidades.

Estamos habituados a avaliar constantemente os outros, os nossos alunos. Porém avaliar a nós mesmos e o desenvolvimento e desempenho dos nossos trabalhos, torna-se algo bem mais complexo, pois, muitas vezes não queremos enxergar os nossos erros, atestando assim a nossa culpa. Porém, essa avaliação, ou melhor, essa reflexão da prática é fundamental e necessária para transformar práticas formalistas e alienantes em práticas libertadoras, conscientizadoras, formando para a cidadania, contribuindo para mudanças não só educacionais, como, principalmente, sociais, significativas e reais.

Neste sentido, procuramos contribuir socialmente no sentido de proporcionar maior aprofundamento da temática “leitura”, gerando reflexões em torno da prática pedagógica.

1 - O PROBLEMA CULTURAL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Nosso sistema de ensino, desde o período da colonização, vivenciou modos diferentes de conceber a educação. A educação formal atendia aos filhos da elite, enquanto que aos menos favorecidos socialmente destinavam-se os rendimentos do ler e escrever, ou seja, uma educação elementar. Por vivermos no modelo agrário de economia, não havia necessidade das classes menos favorecidas serem atendidas com uma educação mais formal. Para eles destinava-se trabalho braçal, o que exigia apenas esforços físicos.

Desde o período do Império que a educação foi apropriada pelo grupo dominante para benefício próprio, mantendo seu poder e sua ideologia, demonstrando total desinteresse pela educação popular, permitindo que uma minoria exercesse poder sobre a maioria. Como afirma Martins: "... cabendo a essa minoria o 'direito' de dar sentido ao mundo, enquanto que aos demais resta à submissão aos ditames dos que 'sabem'". (1994, p.24).

Esta realidade não difere muito dos tempos atuais, já que o nosso país é formado por graves desníveis sociais, pela situação de pobreza de uma grande maioria da população e por uma estrutura política pouco democrática, estando o analfabetismo diretamente associado às várias formas de exclusão.

Faz-se necessário conhecermos a história do sistema educacional brasileiro para podemos compreender determinados fatos e a realidade que vivenciamos. Assim, para entendermos o presente, precisamos conhecer o passado, podendo, a partir deste, projetar o futuro.

Não se concebe um educador que não conheça determinados fatos históricos, pois são eles que auxiliam o homem na construção da sua própria história, no seu modo de ser e agir no meio em que vive.

Percebemos que as dificuldades enfrentadas no campo educacional vêm de longo tempo, estando associadas aos fatores sociais, políticos e econômicos. Dentro desse processo histórico, o ensino elementar da leitura e da escrita, durante muito tempo não foi valorizado, gerando os mais variados estudos no Brasil que dedicam-se à questão da importância da leitura.

Para Martins(1994:25):

A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia, os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denominam a ‘crise da leitura’.

Precisamos ter consciência das mudanças ocorridas no mundo, frente à contemporaneidade. As condições de vida da sociedade tecnológica atual requerem outro tipo de homem, com outra formação para atender as exigências do mercado, acompanhando o processo de produção, adequando-se a vida de um país capitalista que visa o lucro imediato.

Por ser a leitura uma prática milenar e universal, todos lemos o mundo que está em nosso redor. Como resultado dessa leitura, descobrimos o que somos e onde estamos e “certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto”. (MARTINS, 1991:15).

A leitura está intrínseca ao nosso viver no mundo, desde a concepção até o último minuto de vida, estando presente em nossa convivência diária. Com os outros fazemos a leitura do mundo, aprendemos o seu significado, ao desvelar novos conhecimentos. Neste sentido, concordamos com Freire ao afirmar que:

[...] A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (...) este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. (2001: 20).

Ler é, portanto, um processo contínuo e evolutivo que se relaciona com o próprio fato de estarmos no mundo. Assim, a leitura constitui-se em um precioso instrumento no processo de produção do conhecimento, por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo.

[...] Daí a valorização do saber ler e escrever, já que se trata de um signo arbitrário, não disponível na natureza, criado como instrumento de comunicação, registro das relações humanas; transformado com freqüência em instrumento de poder pelos dominadores, mas que pode também vir a ser a libertação dos dominados. (MARTINS, 1994:19).

Assim, a leitura é um processo e compreensão, de comunicação e de registro das relações humanas que deve ser conquistada para atender as ações e aspirações dos homens.

A aprendizagem da leitura se dá ao longo de toda vida, dentro de contextos diversificados com objetivos diferenciados que podem ser influenciados pelos variados meios culturais e pelas diversas situações educativas.

Cagliari (1994) evidencia a leitura como sendo uma atividade extremamente complexa, que envolve problemas semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos e fonéticos. Se para alguns é um processo de descobertas, para outros pode ser apenas um momento de prazer. Dificilmente duas pessoas fazem a mesma leitura de um mesmo texto. Cada pessoa tem um jeito particular de ler. Ler implica geralmente fazer interpretações diferentes considerando a estrutura de conhecimento de cada leitor.

Portanto, a leitura é algo individual, com características pessoais, parte da subjetividade de todas as pessoas, como afirma Bagno(2001) embora a língua falada pela maioria da população seja o português, esse português apresenta alto grau de diversidade e variabilidade, não só pela extensão territorial do nosso país, mas principalmente por causa da injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. Tendo a educação como privilégio de poucos.

Enquanto a escrita é o meio de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de pensamento, assimilação de conhecimentos, nos permitindo interiorizá-lo, gerando a reflexão. Dentro desta ótica, as escolas que não lêem para seus alunos e não lhes permitem fazer suas próprias leituras, conseqüentemente estarão fadadas ao insucesso, pois negam que é fundamental para sua formação. Propiciando conseqüentemente não só o fracasso escolar, como também o ser humano como integrantes de uma sociedade que requer pessoas cada vez mais capacitadas, conscientes e reflexivas, atendendo as exigências da sociedade do conhecimento.

A capacidade de compreensão e habilidade de leitura estão diretamente ligadas a nossa habilidade leitora, que se desenvolve dependendo do nosso conhecimento sobre a língua enquanto falantes da mesma.

Cagliari afirma que:

[...] Quem fala a língua com fluência e rapidez é capaz de ler bem e rapidamente, mas quem fala com dificuldade irá ler com dificuldade (...). Ensinar a criança a ler no próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores. (1994:154).

Como visto, a nossa habilidade enquanto falantes de uma língua é fundamental para a nossa compreensão e para fazermos uma leitura fluente. Entendida como toda manifestação lingüística, realizada para expressar os nossos pensamentos, empregada em forma de escrita, a leitura pode ser ouvida, escrita ou falada. E é por intermédio dela que a maior parte dos conhecimentos humanos são obtidos. Por isso precisamos ler com regularidade, pois ler constantemente implica aprender, conhecer, interpretar e interagir.

Ter uma visão crítica do mundo e compreender a realidade vivenciada para podermos transformá-la, já que devido às grandes desigualdades sociais e econômicas, a leitura e a escrita se tornam instrumentos de dominação e alienação sobre a grande maioria.

Assim, a principal atividade desenvolvida pela escola na formação do aluno, é a leitura, portanto, o ato de ler se sobrepõe ao ato de escrever. Segundo Martins (1994:23) “ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ‘ler pelos olhos de outrem’”.

Diante disso a formação do bom leitor é o melhor que a escola pode oferecer, proporcionando ao indivíduo melhores condições de sobressair-se no seu convívio social. À medida que compreendemos o meio em que vivemos, nos é permitido fazer uma leitura desse meio, podendo agir sobre ele. Sendo assim, aqueles que não tiveram uma boa formação leitora acabam tendo menos chances no futuro. Nessa perspectiva, não será apenas o diploma que resolverá os nossos problemas, como também a nossa formação leitora.

Cagliari (1991:148) evidencia que: “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas (...). A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma...”.

Podemos constatar que muitos problemas enfrentados por alunos ao longo de sua formação são decorrentes da deficiência de leitura

Encontramo-nos diante da urgência de uma compreensão mais ampla do conceito de leitura. Por mais que saibamos que um dos principais objetivos da escola seja desenvolver o hábito da leitura, ainda nos deparamos com um número alarmante de crianças que não lêem. E, apesar de tamanho enfoque dado à importância da leitura, não entendemos porque ainda vivenciamos os altos índices de analfabetismo, nos quais a realidade apresentada mostra-nos crianças chegando as quartas séries do ensino fundamental como analfabetas funcionais. Assim, nos questionamos como essas crianças

foram trabalhadas nas séries iniciais (alfabetização) e como vivenciaram o processo de leitura e escrita

1.1 A LEITURA NAS SALAS DE ALFABETIZAÇÃO

O fracasso escolar marcado pelo aumento do acesso das crianças a educação gerou a necessidade de mudanças radicais, ocasionando uma procura aos culpados (alunos, professores, escola, etc), proporcionando uma revolução conceitual a respeito da alfabetização.

Ferreiro (1995) nos propõe uma discussão sobre a prática escolar no que diz respeito à alfabetização. Tradicionalmente nos questionávamos sobre como ensinar a ler e escrever, acreditando que o processo de alfabetização limitava-se à sala de aula e que as utilizações de métodos adequados garantiriam ao educador a manutenção do controle do processo de alfabetização. Se antes o foco era o “como ensinar”, agora o foco passa a ser o “como se aprende”.

Tudo isso muda radicalmente o papel dos envolvidos no processo educativo, bem como na própria estrutura escolar, com o intuito de propiciar um rompimento do círculo vicioso da reprodução do analfabetismo.

A investigação sobre a psicogênese da escrita na criança nos permite compreender o processo de alfabetização partindo da percepção da própria criança.

Cotidianamente a criança vivencia o uso da leitura e da escrita, dentro dos mais variados contextos letrados, como sendo objeto social e cultural, não como um conhecimento elaborado nas hipóteses sobre o uso das mesmas. Uma vez que o conhecimento elaborado deverá ser propiciado pela escola, desde os primeiros anos de escolaridade da criança.

A maioria das escolas afasta das salas de pré-escola o ato de ler e escrever restringindo-se só ao desenhar e pintar. A criança que no seu meio social vive em um ambiente letrado acaba por ter isso castrado ao chegar na sala de aula. Dias (2001:50) afirma que: “... quanto mais a criança partilhar de ato de leitura e de atos de escrita, mais fácil será para ela interpretar a aprendizagem da leitura e da escrita ...”.

De acordo com Morais (2006:15) a leitura envolve a princípio, “a identificação dos símbolos e dos sons que estes representam [...] A última fase do processo da leitura é a análise do material impresso que foi decodificado e compreendido.”

É por meio desse envolvimento que acontece as produções espontâneas, consideradas pelos adultos como simples “garatujas”, que a criança está fazendo explorações. Tal procedimento possibilitará a compreensão do sistema de construção da leitura e da escrita, elaborando hipóteses e construindo seus próprios conhecimentos que diferem daqueles que são tidos como socialmente válidos.

Dentro ou fora do espaço escolar, a criança recebe informações. A diferença consiste do meio social em que esta vive, já que as informações são variadas e estão dentro de um contexto social e é neste contexto que a criança dá início a sua aprendizagem.

Uma criança pode até conhecer as letras sem necessariamente compreender o sistema da escrita. Uma vez que a escola só considera e possibilita o saber sistematizado, institucionalmente determinado, enfocando apenas os aspectos gráficos, desconsiderando o construtivo.

Não será o adulto que determinará o momento certo da criança aprender, nem tão pouco o que é fácil ou difícil. É o próprio aprendiz que dirá isso.

Compreendido como uma forma de comunicação entre os seres humanos, a leitura não é algo a ser meramente transferido do adulto para a criança, e sim um processo articulado independente e seqüencial. (DIAS, 2001).

Essa leitura flui naturalmente, mesmo sem termos conhecimentos dos códigos escritos. Ao longo do tempo, esses conhecimentos vão sendo aprimorados. Logo, os diferentes signos nos permitem fazer leituras do mundo que nos cerca. Assim:

[...] O ato de ler se refere tanto ao alço escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 1994:30).

Vivenciamos etapas que nos levam a compreensão do processo de aquisição da leitura e da escrita. A convivência com os adultos proporciona a criança a prender e conhecer os objetos que estão em sua volta, assimilando suas funções, seu significado. Compreendendo as palavras a serem usadas e a que elas se referem.

Na perspectiva de Rangel (2001:82) educar significa:

[...] Ensinar não apenas habilidades, conceitos e conteúdos vários, mas socializar para a vida em sociedade (...). Os alunos e suas famílias não esperam da escola a reiteração de sua própria altura nem ‘linguagem pública’. Pretendem a oportunidade de adquirir algo que não lhes foi

dado de berço, uma 'cultura escolar', uma linguagem 'cult', algo que depende diretamente da formação e da disposição dos professores que a escola lhes oferece.

É notório que alguns conhecimentos específicos sobre a linguagem escrita só podem ser adquiridos por meio de outros informantes, não significando que a criança seja obrigada a chegar na escola já alfabetizada. É a escola que tem a responsabilidade social de alfabetizá-la, considerando que a criança já possui um leque de conhecimentos adquiridos no seu meio social e familiar, tendo a escola à função de aprimorar e sistematizar esses conhecimentos.

Se pensarmos que a criança aprende só quando é submetida a um ensino sistematizado, e que sua ignorância está garantida até que receba tal tipo de ensino, nada poderemos enxergar. Mas se pensarmos que as crianças são seres que ignoram que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez comecemos a aceitar que podem saber (...), saber algo a respeito de certo objeto não quer dizer necessariamente saber algo socialmente aceito como conhecimento. (FERREIRO, 1995:17).

No decorrer de nossas vidas nos deparamos com os mais variados tipos de materiais impressos utilizados no meio social. As observações e análises feitas sobre esses materiais permitem à criança chegar a uma compreensão, percebendo suas funções, seu objetivo. Ocorrendo, portanto, uma leitura significativa e real.

Esse mesmo processo ocorre com a escrita. Em ambos os casos (leitura e escrita), o ser humano precisa ultrapassar etapas diferenciadas e seqüenciadas, percebendo os níveis de evolução de linguagem e etapas necessárias, pois só é possível escrever se tivermos conhecimentos prévios a cerca do que vai ser escrito.

Dias (2001) afirma que o desenvolvimento do processo de compreensão ocorre anteriores ao da expressão. "... Primeiro a criança aprende a ler para depois aprender a escrever..." (MORAIS, apud DIAS,2001).

Isso trás sérias conseqüências à aprendizagem dos alunos, visto que as escolas se preocupam mais com a escrita, gerando uma dicotomia entre o ler e o escrever, como se fossem processos dissociados.

Centrada na ótica do adulto, a escola desconsidera todo o percurso realizado pela criança para chegar ao ato de escrever. Dissocia o desenvolvimento da oralidade e da

compreensão da palavra expressa. Tendo como conseqüência um ensino descontextualizado, que pouco ou nada contribui para a formação de um bom leitor.

Para Dias (2001:42):

[...] Ler é atribuir diretamente (ou seja, sem intermediários) um sentido a algo escrito, um texto, questionando esse escrito a partir de uma necessidade e/ou expectativa reais de situações de vida (que são diferentes das situações escolares).

Ao questionarmos o que está escrito desenvolvemos hipóteses sobre seu significado, atribuindo-lhes uma função real de uso, utilizando diferentes estratégias de leitura, algo que não ocorre de modo sistematizado. Portanto:

[...] É na medida em que se vive num meio sobre o qual é possível agir, no qual é possível com os outros discutir, decidir, realizar, avaliar [...] que são criadas as condições favoráveis ao aprendizado. Todos os aprendizados, não só os da leitura (ou seja) é lendo de verdade, desde o início que alguém se torna leitor e não aprendendo primeiro a ler [...] (JOLIBERT, apud DIAS, 2001,p.12).

A aprendizagem da leitura não ocorre somente na escola com o ensino sistematizado, nem a criança pode ser considerada como um depósito, desprovida de qualquer conhecimento, passiva à aprendizagem, precisa-se considerar, porém alguns fatores que influenciam na aprendizagem das crianças antes de rotulá-las de fracassadas, como o ambiente em que está inserida e a procedência social.

Dentro desta ótica, as crianças do meio urbano vivenciam com mais intensidade o uso social da leitura e da escrita, enquanto que na zona rural essa convivência passa a ser restrita ou muitas vezes inexistente. Nesta perspectiva, é visível que as crianças da zona rural apresentarão dificuldades ao tentarem diferenciar atividades de ler e escrever, tendo a escrita lugar privilegiado por produzir resultados observáveis, palpáveis, que deixam marcas. Enquanto o ato da leitura não se dá de forma imediata, nem tão pouco deixa marcas no papel para serem observadas ou comparadas.

Não são os fatores cognitivos que marcam as diferenças existentes entre crianças de grupos sociais diferentes. O próprio meio no qual elas se inserem contribui para o seu raciocínio, pois ao conviver com esse ambiente 'letrado', terá a criança oportunidade de agir ativamente nesse processo, permitindo-lhes observar e descobrir o mundo 'letrado',

havendo assim uma interação com os outros e consigo mesma. Essa ação lhe permitirá a geração de uma reflexão, a percepção de regras de ações que são socialmente estabelecidas, um envolvimento dinâmico que possibilita compreender e interpretar esse universo.

Assim, a escola e os educadores precisam oferecer condições para que essas diferenças sejam, no mínimo, amenizadas e/ou superadas. Tendo desde a pré-escola a possibilidade de conviver em um ambiente letrado.

Ferreiro (1995:59) evidencia que “[...] a criança que cresce em um meio ‘letrado’ está exposta à influencia de uma série de ações. E quando dizemos ações, neste contexto, queremos dizer interações”.

É preciso propiciar um espaço de descobertas, indicando caminhos, valorizando a capacidade e as construções que a criança se permite fazer. Para Martins:

[...] A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (1994,p.34)

O ato de ler é em si um processo complexo, no qual vários aspectos devem ser considerados, pois varia de leitor para leitor, depende do objetivo da leitura e o olhar a que ela se remete, bem como o contexto vivenciado.

Dias (2001) aponta uma série de questões, orientando-nos sobre as atividades pedagógicas relacionadas a uma leitura real, prazerosa e ampliada. Questionamentos que vão de encontro à perspectiva da escola: como ela e os docentes introduzem o ato de ler nas suas salas de aula e até mesmo fora delas.

Percebemos a necessidade de mudanças no processo ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à formação de leitores, pois essa formação poderá trazer conseqüências para toda a vida. Conseqüências estas que dependerão da prática concebida pelos educadores, podendo está pautada na construção do conhecimento ou na mera reprodução dos signos lingüísticos. Em uma prática voltada a libertação ou alienação, dependendo da postura que cada educador assume em sala de aula, as conseqüências da sua ação alfabetizadora estão diretamente marcadas pela percepção que o educador tem desses sistemas (leitura e escrita)

2. PRÁTICAS DE LEITURA NO ÂMBITO ESCOLAR

Intensifica-se as discussões sobre a leitura e a escrita, uma vez que o ensino em geral é concebido nos limites da transmissão dos conhecimentos contidos nos livros didáticos, e embora ensine a ler e escrever, não habilita os indivíduos a fazer uso da leitura e da escrita, nem desenvolve habilidades de uso social, impossibilitando a compreensão crítica e reflexiva dos fatos que viabilizam a formação de um verdadeiro leitor.

Conforme concebe Martins (1994,p.26):

Como, principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passa a ser identificados como manuais escolares (...), na verdade resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler. Geralmente transmitindo uma visão de mundo anacrônica, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascaradas por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores.

Sob essa ótica, a aprendizagem da leitura, tradicionalmente restrita a mera aquisição e decodificação do código lingüístico, com conteúdos fragmentados, pouco ou nada contribui para a nossa formação leitora. Em geral não prepara para pensar e solucionar os problemas com os quais nos deparamos cotidianamente enquanto cidadãos e seres sociais, privando os nossos alunos da formação de uma consciência crítica, de uma compreensão mais real do mundo em que vivemos.

“A leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social, envolvendo disposições atitudinais e capacidades que vão desde a decodificação do sistema da escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido”.
(MEC,PRÁTICA DE LEITURA, 2006, p.1).

Isso implica, entre outras habilidades, saber decodificar palavras e textos escritos, mas também realizar leituras reflexivas, ou ainda, ler de modo mais aprofundado e proveitoso, identificar as finalidades do texto.

Portanto necessitamos assim de uma sólida formação profissional. Para que as mudanças ocorram, não podemos estar pautados em concepções mecânicas, com ações meramente decodificadoras.

Martins (1994,p.23) aponta que:

[...] Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguem superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume a decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienados. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Enquanto educadores precisam ter consciência que ler não é um ato mecânico, descontextualizado, limitado á decifração ou oralização de textos, segundo etapas pré-determinadas. Dias (2001,p.47) evidencia que a leitura não deve ser tratada como mera decodificação dos sinais gráficos, mas que sirva como “[...] instrumento de transformação social, através do qual o indivíduo poderá ser um cidadão, compreender e transformar o mundo e a realidade”.

A escrita concebida como uma transcrição dá ênfase apenas aos aspectos auditivos e visuais. Os encaminhamentos dados a leitura e a escrita que derivam desta concepção, acabam centrando esses processos como uma atividade mecânica. Dentro dessa visão, não deveriam existir dificuldades pra aprender a ler e escrever, já que se trata de uma simples transcrição do sonoro para um código visual (FERREIRO, 1995).

Diferentemente quando no processo de construção da escrita um sistema de representação, algo a ser compreendido e não apenas a aquisição de uma técnica.

A criança não precisa receber autorização para começar a aprender, nem essa aprendizagem ocorre apenas por meio de um ensino sistemático e seqüencial, uma vez que o processo de aquisição da escrita precede e excede os limites escolares. Nessa perspectiva, ler e escrever não são meras técnicas das quais nos apropriamos pela simples reprodução do que se ouve ou se vê.

Segundo Ferreiro:

[...] A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade (...). A criança consegue

interpretar e produzir escritos muito antes de chegar a escrever ou ler. (1995,p. 43-44).

Freqüentemente nos questionamos se é possível a criança ler antes de escrever. Verificamos que na perspectiva dos estudos da psicogênese, referendadas por Ferreiro e Teberosky (1999), para que a criança compreenda a estrutura do sistema de escrita, ela precisa vivenciar diferentes etapas que proporcionam fazer atividades tanto de interpretação como também de produção. Logo, a criança pode ler sem necessariamente ter aprendido a fazer uso da transcrição de técnicas seqüenciadas.

Não podemos confundir ler com decifrar nem analisar, nem esperar um leitor passivo que apenas decodifica, pois a leitura é uma atividade cognitiva, requer que o sujeito esteja envolvido, não ler por lê, mas compreender e interpretar o que se lê, utilizando-se de textos reais que tenham significado para a vivência social do aluno, e não introduzir a leitura e a escrita de forma mecânica, ensinando os alunos a repetir, a decodificar os símbolos lingüísticos sem compreender o que faz, tendo como resultado numerosos casos de crianças que decifram e não compreendem, ou escrevem, mas não produzem, fazendo da linguagem escolar, uma linguagem deformada sem vida.

Somos conhecedores de que o conhecimento não é adquirido por repetição, transmissão, dentro de um contexto artificial, no qual se prioriza a memorização. É preciso propiciar um ambiente dinâmico em que a criança vá construindo seus conhecimentos de forma democrática, reflexiva, contextual e compartilhada. Já que o desenvolvimento é fruto da interação, é preciso propiciar a criança à vivência em um ambiente interativo, rico e envolvente. O domínio da leitura e da escrita não se dá de forma mecânica, através de métodos de ensino, já não é o método que cria a aprendizagem, pois a aquisição do conhecimento é fruto da própria ação do sujeito. (PRÁTICAS DE LEITURA, 2006)

Precisamos desmistificar a atual dicotomia existente, na qual, para aprender, a criança precisa saber ler. Fazendo-se necessário reconhecer que a criança é construtora do seu próprio conhecimento e o professor é um mediador que vai facilitar, propiciar essa construção apresentando a leitura e a escrita dentro de um contexto social significativo.

Favorecer o acesso a diferentes tipos de textos, nos diferentes contextos, com várias intenções e diferentes destinatários, criando vínculos entre a cultura e o conhecimento, priorizar não só a aprendizagem dos conteúdos educativos determinados pelo currículo, mas usar a linguagem com vida, como ferramenta de comunicação entre as pessoas e as

culturas, desvelar o mundo em que vivem para que possam agir sobre ele e consequentemente contribuir para a sua autonomia como ser modificador da sociedade.

Partindo do pressuposto de que a aprendizagem da leitura e da escrita é uma responsabilidade de todos os que ensinam e os que aprendem, já não mais se permite ter a visão bancária de educação, na qual o professor deposita seu conhecimento sobre o aluno que apenas recebe passivamente, criou-se uma nova relação entre educador e educando, na qual ambos se condicionam reciprocamente, mudando sua visão de homem e mundo, onde se busca uma visão global e não mais compartilhada, e à medida que determinamos o meio em que vivemos, vamos sendo também determinados por ele.

Em resumo Perez e Garcia (2001,p.24) diz que:

Aprender e ensinar a ler e escrever são fatos relevantes, funcionais e significativos quando aquilo que lemos e escrevemos tem uma finalidade, um sentido, e responde as necessidades funcionais e aos interesses e as expectativas dos alunos, e quando sua conquista é resultado de uma atividade compartilhada e negociada entre aluno e professor em uma escola participativa, cooperativa, flexível, integradora e democrática, que possibilite o encontro e o contato cotidiano com diferentes textos e a interação entre colegas.

É preciso construir uma nova cultura, baseada na compreensão e no respeito, criar elos entre escola e a comunidade, dentro de um contexto, definindo objetivos com propósitos significativos e relevantes para os alunos, onde eles compreendem o que está sendo feito e percebam-se como agentes desse processo. Freire (2001,p.21) trata a importância do ato de ler como sendo a “[...] percepção crítica, interpretação e reescrita do lido [...]”.

Essa perspectiva que difere de abordagens meramente mecânicas do ato de ler e escrever como sendo algo que só o outro possui, para ser apenas transmitido, sem que haja uma participação ativa dela nessa construção. Algo pronto e acabado, imutável em que a criança é uma mera receptora, não proporcionando uma reflexão a cerca dos fatos.

Tudo isso nos leva a rever a prática docente, sabemos que transformá-la não é algo fácil, porém é necessário. É preciso rever o papel do educador e sua relação com os alunos e com o conhecimento. A transformação desta prática é que é realmente difícil, já que obriga a redefinir o papel do professor e a dinâmica das relações sociais dentro e fora de sala de aula [...]. (FERREIRO, 1995,p.39).

Dentro dessa perspectiva, o professor precisa ter conhecimentos teórico - pedagógicos como subsidio para desenvolver em sala de aula atos de leitura que considerem as diversidades textuais, optando pela melhor forma de leitura que favoreça o prazer, a compreensão e a reflexão por parte do leitor. Somos conscientes que qualquer prática educativa está fundamentada numa teoria de aprendizagem. Se acreditarmos que o condicionamento é que provoca aprendizagem seremos meros modeladores.

Neste contexto, os alunos tendem a não perceber ou até mesmo a não se preocupar com o verdadeiro significado, e o verdadeiro valor que a leitura tem para sua vida. Porém se acreditamos que a aprendizagem será impulsionada mediante desafios e problematizações, seremos assim, um agente incentivador à pesquisa e as descobertas.

Assim, o educador é um dos responsáveis pela formação de um novo tipo de leitor, capaz de entender as novas exigências do mundo contemporâneo. Tendo nas mãos essa incumbência e responsabilidade, o educador precisa estar certo para propiciar aos alunos tal formação, sendo ele também um bom leitor. Pois, se ele não adquiriu competências básicas de leitura e escrita, como poderá propor essa formação aos educandos?

Então, não poderíamos aqui falar dos desafios vivenciados pelos professores para formar alunos leitores, sem também falar da formação leitora dos próprios professores. Não é possível discutir o lugar da leitura na escola sem que se discuta o lugar da leitura em nossas vidas. Precisamos revistar a nossa própria história e a nossa relação com os alunos identificando as razões da existência de alunos leitores e não leitores e refletindo sobre a nossa condição de leitores.

Concordamos com Cardoso e Teberosky (1993,p.51) ao dizer que “[...] a aprendizagem e compreensão do pensamento do professor é essencial se partirmos do pressuposto de que a inovação só é possível se são considerados como motores desse processo”, ou seja, a mudança de postura, a inovação terá que partir do próprio professor. É ele quem decide sua forma de atuação. Se para manutenção ou transformação dos quadros até então.

As instituições educativas precisam oferecer condições favoráveis para construção significativa da aprendizagem, tendo o aluno como ser ativo, tornando-se autônomo no processo de reconstrução do conhecimento, onde a escola como um todo pode ampliar e reformular seus conceitos de leitura.

Neste sentido, acreditamos na possibilidade de contribuirmos para uma reflexão-ação-reflexão, promovendo ações coletivas que viabilizem o processo de formação do

leitor crítico e reflexivo. Não como um ato solitário, mas na troca mútua de experiências, partilhando angústias, anseios e resultados, onde cada professor é chamado a desempenhar seu papel de formador. Uma vez que na atual sociedade não há mais espaço para uma prática mecânica de leitura, com procedimentos que exijam do leitor a mera reprodução ou a transcrição do que já está escrito.

A formação de leitores emerge como prioridade e como um grande desafio da educação. Fica claro que sofremos hoje conseqüências de uma realidade histórica excludente, onde a falta de alcance a leitura e a escrita prejudica sobremaneira a qualidade de vida das pessoas. No século que está sendo chamado de século do “conhecimento”, mais e mais saberes aliados à competências tornar-se-ão indispensáveis para a vida cidadã.

A igualdade e a liberdade tornam-se os pressupostos fundamentais do direito da educação, pois o acesso ao conhecimento sempre teve um papel significativo na estratificação social. Ser privado do acesso à cultura letrada é de fato, a perda de um instrumento significativo na convivência de uma sociedade menos desigual e mais justa.

2.1. A LEITURA E SUA DIMENSÃO SOCIAL

De acordo com Soares (1998 apud CARVALHO,2005, p.65), “os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem”, na perspectiva do letramento o aluno se familiariza com os diversos usos sociais da leitura e da escrita, pois traz conseqüências políticas, econômicas, culturais e etc.,

Não se ensina a ler por decreto ou por imposição, o gosto pela leitura deve ser desenvolvido no âmbito familiar ou por influência da escola que deve ser cultivado desde a alfabetização. Para Magda ao alfabetizar letrando ocorre um processo de sensibilização intencional através de bilhetes, histórias contadas, produção de um jornal escolar, listas de compras, receitas, convites, cartazes, agendas e diários, bulas e etc.

Ao propor que a criança trabalhe com diversos gêneros textuais torna- o letrado e forma um bom leitor:

“Quem sabe, um dia, as crianças e jovens brasileiros poderão estudar e aprender conteúdos por meio da leitura e ainda usufruir com alegria dos direitos dos leitores. Dentre os quais, o direito de reler; o direito de amar os heróis do romance; o direito de ler não importa onde; o direito de

saltar de livro em livro e até mesmo o direito de não falar o que leu.”
(PENNAC, apud CARVALHO, 2005.71).

Para Solé, a nossa prática deve ser sempre analisada e articulada de modo a garantir que a ação educativa seja coerente com a necessidade dos alunos e com a qualidade do ensino. Sabemos que quando estamos aprendendo a ler, dependemos de alguns fatores, dentre eles se destaca a existência de um sistema de escrita, que é por meio dela que boa parte da sociedade se comunica, o processo de alfabetização é vinculado a valores ideológicos que segrega os que lêem dos que não sabem ler.

É uma visão preconceituosa, porém verdadeira e é crucial despertar nos alunos a vontade de ler, o gosto pela aventura de ler, mesmo ela não sendo inata é de suma importância para a nossa vida cotidiana

Aprender a ler não é tão somente decodificar signos lingüísticos e fonemas, ler é fazer previsões sobre o texto, construir significado do que foi lido e refletir diante do assunto enfocado.

A leitura precisa ter sentido para os discentes, a escola deve oportunizar-lhe condições de vivenciá-la desde a alfabetização, através de vários gêneros textuais: notícias, fábulas, bulas de remédios, receitas e outros.

De acordo com Gagliari (1995: 148): “A atividade fundamental desenvolvida na escola para a formação dos alunos é a leitura”.

Somos conhecedores do quanto a leitura é importante para o processo de desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. Aprender a ler não é tão somente decodificar signos lingüísticos, é compreender o texto lido e refletir diante do assunto enfocado. Ler e escrever convivem juntos desde os primeiros anos da escola. Entretanto, nem sempre essa relação acontece de modo espontâneo ou de acordo com a experiência do cotidiano do aluno, geralmente adota-se uma cartilha que em algumas vezes não oferecem condições ao educando de se tornar um aluno-leitor, assumindo-a como uma prática social em suas vidas.

A escola em alguns casos é o ambiente em que os discentes mais terão contato a materiais de leitura, já que de acordo com a situação socioeconômica do nosso país, ter uma biblioteca em casa é privilégio de uma minoria de aluno, sendo assim a escola passa a ser uma biblioteca para eles.

No ano de 2000, por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola, foram distribuídos pelo MEC aproximadamente 110 títulos, abrangendo desde textos contemporâneos até os clássicos, mas em algumas escolas esses livros continuam guardados em armários fechados para que os alunos não os extraiam.

De acordo com Martins: “Saber ler e escrever já entre os gregos e romanos significava possuir bases de uma educação adequada para a vida [...]”. (2003: 22). Ler e escrever eram privilégio de pouquíssimos, já que a expansão da leitura serviu para a consolidação da burguesia enquanto classe dominante.

Nesta perspectiva Cagliari diz que: “Quem não lê são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento”. (1995:150).

É claro que a experiência de vida não se reduz à leitura, mas a falta dela poderá alijar a nossa autonomia de agir sobre uma sociedade capitalista. A leitura é um instrumento para obter melhores condições de vida e prosperar.

As crianças trazem para a escola seus conhecimentos, valores, sentimentos e desejos, isto é, os conteúdos de suas vidas, o que suas vidas contém. A função da escola deve ser a de propiciar situações em que as crianças ampliem e aprofundem o sentido da vida, para ampliar e aprofundar o sentido da vida de nossos alunos, partindo de suas realidades, é preciso ouvi-los, instigá-los a falar, a conversar e a discutir.

De acordo com Freire: “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra [...]” (2001, p.20). Portanto a leitura está intrínseca ao nosso viver no mundo, em conjunto fazemos a leitura do mundo, aprendemos o seu significado, ao desvelar novos conhecimentos.

Na relação entre a escola e a vida está à linguagem escrita e oral que nas sociedades letradas perpassa todas as nossas atividades, a escrita está na placa da rua, no dinheiro da moeda ou papel, nos meios de transporte, nos documentos, nas embalagens e nos rótulos.

A relação entre a escola, a leitura e a vida pode ser muito significativa, a melhor coisa que devemos fazer por nossos alunos é criar espaços na sala de aula para conversas, para manuseio e leitura de diversos materiais.

Segundo Martins: “Ler é, portanto um ato criador de colher conhecimentos, conduzindo o leitor a redimensionar o que já está estabelecido, fazendo-o ajustar o novo ao velho e que resulta numa renovada visão do mundo”. (2004: 11).

A leitura é para alguns um processo de descoberta e prazer. Duas pessoas fazem a mesma leitura de um texto, mas cada uma compreende de um jeito particular, isso implica em interpretações diferentes.

A reflexão crítica, a criatividade, a autonomia são bases do conhecimento pessoal, mas em algumas escolas não tem havido espaço para que os alunos desenvolvam essas potencialidades.

A atitude do educando nas vivências da escola e do mundo deve ser participativa, inteligente, crítica e autônoma. Portanto, para que as potencialidades dos alunos se desenvolvam é necessário esquecer da memorização e da fixação. É preciso cultivar através da leitura a reflexão, o pensamento autônomo, a imaginação criadora.

As escolas que não lêem para os seus alunos e não lhes permitem fazer as suas próprias leituras, conseqüentemente estarão fadadas ao insucesso, pois nega o que é fundamental para a sua formação, e enquanto ser humano e integrante de uma sociedade não atenderá a contemporaneidade do mundo.

Praticamente tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura dependendo da mesma para se desenvolver, é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor e relaciona-se com o nosso próprio fato de estarmos no mundo. A leitura constitui-se em um precioso instrumento no processo de produção do conhecimento, por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo.

Nos deparamos diante da urgência de uma compreensão mais ampla do conceito de leitura, por mais que saibamos que um dos principais objetivos da escola seja desenvolver o hábito prazeroso da leitura, ainda nos deparamos com um número alarmante de crianças que não lêem e apesar de vários estudos na área ainda vivenciamos os altos índices de analfabetismos.

A maior parte da população brasileira adulta é funcionalmente analfabeta, assina seu nome, decifra alguns letrados, mas não consegue ler com compreensão, talvez essa deficiência seja decorrente da falta do hábito de ler nas séries iniciais.

O individuo começa o desenvolvimento da leitura antes da escolarização, como diz Freire “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, a partir de sua vivência com o meio que está inserido e como afirma Martins:

[...] o material da escola esta longe de proporcionar aprendizado tão vivo e duradouro como o desencadeado pelo cotidiano familiar,

pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular [...] (1994, p. 28)

Compreendida como uma forma de comunicação entre os seres humanos, a leitura não é algo a ser meramente transferido do adulto para a criança, e sim um processo articulado, independente e seqüencial. (Dias, 2001). A leitura flui naturalmente, mesmo sem termos conhecimentos dos códigos escritos, ao longo do tempo, esses conhecimentos vão sendo aprimorados.

O ato de ler é em si complexo, no qual vários aspectos devem ser considerados, pois varia de leitor para leitor, depende do objetivo da leitura e o olhar a que ela se remete, bem como o contexto vivenciado.

Percebemos a necessidade de mudança no processo ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à formação de leitores, já que essa formação poderá trazer conseqüências para toda a vida, que dependerão da prática concebida pelos educadores, podendo ser pautada na construção do conhecimento ou na mera reprodução de signos lingüísticos.

Devemos repensar a nossa prática refletindo sobre as possíveis causas do fracasso escolar, especialmente no que se refere à leitura, portanto é preciso colocar em prática saberes que são indispensáveis ao desenvolvimento de uma práxis voltada para a construção do conhecimento, em que a leitura seja instrumento de transformação e prazer.

Ainda vivenciamos processos educacionais fragmentados que pouco ou nada contribuem para a efetivação da leitura, distanciando o ensino do seu objetivo: a formação do indivíduo nas dimensões sociais, cognitivas, psicológicas e culturais.

3- ANÁLISE DOS DADOS

3.1- METODOLOGIA

O estudo tem por tema o processo de aquisição da leitura e quais são as principais dificuldades encontradas na prática diária da EMEIEF. Antonio de Sousa Dias, localizada no município de Cajazeiras - PB, no sítio Cocos.

Conforme Minayo,(1994, p. 16), “metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”.

Julgamos necessário fazer um levantamento bibliográfico que nos proporcionará uma aproximação com o tema em estudo.

Investigar a prática da leitura é condição necessária para compreendermos as dificuldades encontradas durante o processo de aquisição da mesma. O estudo será de caráter qualitativa e exploratória.

Qualitativa por que, “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização”. (MINAYO, 1994, p: 22). Exploratória por, “interrogar-nos preliminarmente sobre o objeto...”(MINAYO,1994, p: 26)

Um dos principais elementos da metodologia será a coleta de dados (entrevistas, observações, história de vida), que buscará analisar a realidade da escola, através da observação participante, onde o pesquisador é um membro sobre a realidade que realizará o estudo de campo, ele passa a fazer parte daquele grupo para melhor coletar os dados. O investigado responde a um questionário com questões que devem ser claras.(MINAYO, 1994)

Os sujeitos desta pesquisa são:

- Alunos (20) – com os quais através de dinâmicas ou estratégias de leitura, aplicação de exercícios cognitivos serão identificadas quais as suas principais dificuldades na leitura.
- Professor (8) – compreender como ocorre o trabalho docente no que se refere a prática de leitura em sala de aula.

3.2- ANÁLISE DOS DADOS DOS PROFESSORES

O presente estudo teve como objetivo investigar quais são os desafios vivenciados pelo professor no processo de formação de leitores. Este trabalho foi realizado com oito professores da Educação infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental e 24 alunos do terceiro ano, da EMEIEF Antonio de Souza Dias, localizada na zona rural da cidade de Cajazeiras – PB.

Apresentaremos a análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário com questões objetivas, que retratam idéias e práticas docentes, bem como a percepção das mesmas têm acerca da leitura e da sua importância.

– QUANTO AO HÁBITO DA LEITURA: Das oito professoras entrevistadas todas responderam que têm o hábito de ler, pois é fundamental para o crescimento pessoal e profissional.

Porém, se faz necessário refletir sobre tais afirmativas, já que Martins diz:

[...] muitos educadores apregoam a necessidade da constituição do hábito de ler. A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação individual do indivíduo. Todavia os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denominam a crise da leitura. (MARTINS, 1994, p:25)

– A RESPEITO DOS TIPOS DE LEITURA QUE COSTUMAM FAZER: Todas afirmaram ler livros, dentre eles, cinco leem textos diversos, duas leem revistas e uma ler gibis. Supõe – se que as professoras buscam diversificar suas leituras, o que é essencial para educadores.

... Compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias de uma sociedade letrada. (SOLÉ,1998,p:18)

Quando o professor permite integrar-se com diversos tipos de leitura, está possibilitando a sua prática educativa um melhor desenvolvimento e isso implica em mudanças que são necessárias para o processo de formação de leitores.

- MATERIAIS QUE UTILIZAM NA SALA DE AULA PARA TRABALHAR A LEITURA: Com relação aos materiais utilizados, todos disseram que não utilizam apenas o livro didático, trabalham com livros de literatura infantil, gibis, receitas, panfletos e etc. É possível perceber a diversidade de materiais o que enriquece o ambiente educativo, viabilizando assim o interesse dos alunos pela leitura.

Favorecer a interação do aluno com diferentes gêneros textuais possibilita ao sujeito não só decifrar, mas compreender o que se lê, seja para fins práticos ou para enriquecer nossa visão de mundo, aumentando a nossa capacidade de se expressar, de se comunicar e inferir opiniões e exercer a sua cidadania.

- QUANTO AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA UTILIZADAS PELOS PROFESSORES EM SALA DE AULA: Todos afirmaram que realizam a leitura individual pois facilita o acompanhamento processual dos alunos, em algumas ocasiões três fazem uma leitura coletiva, quatro uma leitura silenciosa e uma com dramatização.

Somos conhecedores de que o ato de ler é em si complexo, devemos assim considerar vários aspectos acreditando que a aprendizagem só será impulsionada mediante desafios e problematizações tendo no professor o papel incentivador e mediador. Como afirma Dias (2001,p:43):

“Fazendo com a escola ou momentos em sala de aula proporcionem situações reais e diversificadas”.

A utilização de estratégias de leitura por parte do professor, torna-se fundamental para que as atividades pedagógicas em relação à leitura possam acontecer de forma prazerosa, não se restringindo a mera decodificação.

- ANALISANDO AS METODOLOGIAS ADOTADAS EM SALA DE AULA PARA DESENVOLVER O USO DA LEITURA E DA ESCRITA: Os oito professores dizem dar preferência às aulas expositivas e produções textuais, com debates para interpretar os textos lidos. Argumentaram que não dispõem de materiais didáticos que favoreçam metodologias dinâmicas que despertam o interesse dos alunos. A princípio apenas o livro didático, giz e atividades mimeografadas que são reduzidas.

Percebe – se que tentam trazer inovações para as salas de aula para contribuir na formação do aluno como leitor, porém precisamos nos questionar sobre como se dá o uso

dessas metodologias em sala de aula, a freqüência com que é trabalhada esse realmente desperta a criticidade do aluno.

– AO SEREM QUESTIONADAS SE O TRABALHO COM A LEITURA PODERIA INTERFERIR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: As professoras responderam unanimemente que sim. O que revela as professoras consciente da importância e da necessidade do hábito de ler. “O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura”. (Cagliari, 1994, p: 148)

Ao ler as letras o aluno descobre o mundo que esta a sua volta, o não ler provoca a baixa auto-estima nos mesmo o que resulta em repetência ou evasão escolar.

– QUANTO À IMPORTÂNCIA DA LEITURA: Professor A diz, “a leitura é o desenvolvimento do aluno como um todo”. Percebe – se que a mesma tem consciência do quanto a leitura é importante para o desenvolvimento integral do aluno. Comungando com Martins (1994, p.22-23) quando diz: “saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, [...] ler significa inteirar – se do mundo, sendo uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem”.

Professor B, C, D e F dizem que a leitura é importante tanto para o aluno como para o professor. Para Martins (1994, p.20) diz que: “a aprendizagem em geral e a da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento e acarreta alguns riscos”.

Essa aprendizagem deve ocorrer por parte de ambos, educadores e educandos, especialmente pelo educador, pois dele parte o incentivo, o estímulo. Para Cagliari (1994, p.149) “tudo que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver”.

Para as professoras E e G será o hábito de ler que irá desenvolver nos alunos o gosto pela leitura. Desenvolver esse hábito é de fato um dos grandes problemas que vem sendo vivenciado no cenário da educação brasileira. Concordamos com Cagliari que diz: “a escola que não lê muito para os seus alunos e não lhe dá a chave de ler muito está fadada ao insucesso”. (1994,p:150)

Por isso a leitura deve ser vivenciada diariamente nas nossas salas de aulas, oportunizar aos nossos alunos o direito de conhecer a leitura não como simples ato de

prazer, mas como um ato necessário para o nosso crescimento individual e coletivo. Como diz a professora H, “é acima de tudo uma necessidade para todo ser humano”.

De modo geral, todas concebem a leitura como alavanca para resolver problemas relacionados ao processo ensino aprendizagem, nas diferentes disciplinas e no processo global da educação. Devemos entender que ler não é somente para decodificar símbolos, é um desejo que deve aflorar a cada dia seja na escola ou no meio social em que vive.

3.3- ANÁLISE DOS DADOS DOS ALUNOS

Continuamos a pesquisa com os docentes do terceiro ano da referida escola que tem de oito a quatorze anos os mesmos foram questionados de forma coletiva e refletindo item por item. Os itens são:

- QUANTO AO HÁBITO DA LEITURA: Ao serem questionados se gostavam de ler ficou visível nos depoimentos que os docentes não cultivavam o hábito de ler. Dos vinte e quatro alunos entrevistados, cinco tem o hábito de ler em casa e na escola, desses seis não gostam de não gostam de ler e três leem às vezes, mas não gostam.

Entendemos que no currículo escolar é necessário organizar a leitura diária durante o trabalho educativo, em virtude do objetivo de despertar no docente o desejo de ler e proporcionar que os mesmos tenham contato com materiais de leitura fora da escola.

Diante disto, é necessário reproduzir uma educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania, criando condições para o desenvolvimento das capacidades de uso eficaz da linguagem que satisfaça as necessidades pessoais e sociais.

Assim os PCN's (2001) descrevem:

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa construir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno. (PCN's, 2001,p:54)

- A RESPEITO DOS TIPOS DE LEITURA QUE COSTUMAM FAZER: Neste quesito houve um consenso todos leem somente em função das exigências da professora, pois dizem ter preguiça para ler. Formar leitores não é tarefa fácil, no entanto, não é impossível, mas requerem condições que favoreçam esta prática, os PCN's sugerem que a escola deve ter uma boa biblioteca, organizar e planejar momentos com atividades que envolvam a

leitura e empréstimos de livros. É preciso envolver a todos da escola para se construir uma política de formação de leitores.

– MATERIAIS, ESTRATÉGIAS E METODOLOGIAS QUE A PROFESSORA UTILIZA NA SALA DE AULA PARA TRABALHAR A LEITURA: Constata-se a falta de recursos didáticos nas escolas públicas o professor tem o livro didático como subsídio, mas a professora tenta buscar outras alternativas para ajudar nas atividades assim os alunos não ficam tão dispersos, Bacelar & Cunha (2000, p.54) afirmam: “Os recursos de ensino devem fazer dos alunos bons leitores, que sintam prazer e gosto pela leitura e, se possível, que se apaixonem por ela.”

É importante criar um ambiente alfabetizador, sendo ele na escola ou na família, um espaço com livros, textos, jornais, revistas e etc.

– A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA ESCOLA E NA VIDA: Todos os alunos dizem que a leitura é importante e citaram exemplos de pessoas idosas que não sabem e enfrentam dificuldades para assinar o seu nome, não reconhecem o nome dos remédios que tomam e podem até serem enganados. Mas mesmo assim não gostam de ler ficam cansados.

Diante das negativas dos alunos certamente em algum momento e com a ajuda do professor os alunos despertaram o prazer pela leitura. Neste sentido Martins (1994, p.87) diz que: “A leitura, mais cedo ou mais tarde, sempre acontece, desde que se queira realmente ler. Acima de tudo, precisamos ter presente que não conseguimos de vez dar o pulo do gato – bem, que se continue andando ainda pouco, pois não é pecado caminhar.”

Um dos principais desafios da escola é sem dúvida a prática da leitura, a sua aquisição é imprescindível para a autonomia cidadã em uma sociedade letrada.

3.4. ANÁLISE DO ESTÁGIO

Escola: Escola Municipal de ensino Infantil e Fundamental Antônio de Sousa Dias;

Localização: Está localizado na zona rural da cidade de Cajazeiras, no sítio Cocos;

Clientela: A grande maioria dos alunos é proveniente da classe baixa, pessoas carentes de sítios vizinhos, tais como: caiçara I e II, Cachoeirinha, Azevem, Assentamento Frei Beda, entre outros;

Turnos: Na escola funcionam os anos do Ensino Infantil pela manhã, a tarde funciona o Ensino Fundamental e a noite, as turmas de EJA;

Dependências: São distribuídos em salas de aula, banheiros, cozinha, dispensa, diretoria, secretaria, pátio para recreação, não há biblioteca;

Recursos: Mimeografo, televisão, vídeo;

Situação dos professores: todos são efetivos do município;

Total de alunos: são 900 alunos no total, distribuídos nos três turnos, sendo que pela manhã e a tarde cada sala tem cerca de 40 alunos e a noite 25 alunos, em média.

Projetos: a escola não desenvolve nenhum projeto.

O estágio supervisionado aconteceu na escola já citada no período de Setembro a Outubro de 2009 e foi realizado com alunos do 3º ano.

A turma era composta de 22 alunos, entre meninas e meninos, a frequência era razoável. Na sala não havia nenhum recurso que incentivasse a leitura, havia poucos murais, tinha lousa, as cadeiras eram velhas, os livros do professor e os cadernos dos alunos eram cedidos pelo município. Não havia frases acolhedoras nem incentivadoras nas salas de aula, algumas estavam distribuídas nos corredores da escola. Os recursos didáticos eram precários para a quantidade de alunos na escola, mas são solicitados aos pais como: lápis de cera, cola, tesourinha e cadernos. Os alunos são bastante dispersos e geralmente não acompanham bem a professora.

A maioria das aulas era expositiva, o material mais utilizado pela professora era a lousa, o livro didático e o caderno, infelizmente não havia uma organização com relação à metodologia a ser usada para instigar os alunos para a leitura.

A criança entra em contato com vários objetos, e aqueles que mais lhe chamarem a atenção são conservados através da linguagem escrita e assim ela descobre o prazer de ler

antes de aprender a ler, podemos também trabalhar na escola o contexto dos alunos, aproveitando o conhecimento prévio dos alunos, para que assim o dia-a-dia deles possa contribuir para a formação de leitores mais compreensivos e críticos, pensando assim, o trabalho com leitura construirá leitores competentes. (Martins, 1994, p.28)

Observamos também que a maioria dos alunos não sabe lê direito, o grau de aprendizado dos alunos não é igual, uns apresentam mais dificuldades de ler e compreender do que outros, e isto atrapalha um pouco o desenvolvimento das tarefas aplicadas pela professora. A compreensão dos textos é bastante lenta na sala, um fato preocupante, pois um aluno que tem o hábito de ler, mesmo não tendo um bom desempenho em alguma disciplina (talvez) compreenda os conteúdos transmitidos.

Consideramos a leitura uma atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos, ela é a extensão da escola na vida das pessoas. Assim, concordamos com Cagliari (1995, p.148): quando ele afirma: “É muito mais importante saber ler do que escrever.” Esta instituição ainda precisa ensinar a ler e entender não só as palavras, mas, também os textos específicos de cada matéria, pois tudo o que é ensinado na escola está ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver.

Toda a observação realizada anteriormente ao estágio nos proporcionou um conhecimento sobre os alunos que trabalhamos posteriormente. Procuramos atender as necessidades daquela turma e buscar caminhos para que despertem naquelas crianças o encanto e a importância da leitura.

Apesar de dispormos de todo o material adquirido uma grande insegurança nos tomou conta, pois o maior intuito era trabalhar o conteúdo de modo que prendêssemos a atenção e a participação da sala. Motivando-os para o tema em estudo.

Em um dos primeiros encontros trabalhamos com cantigas de roda, considerando que os alunos gostam de cantar. Após apresentarmos em cartolina uma cantiga de roda bem conhecida de todos, cantamos, depois realizamos uma leitura coletiva e com este mesmo texto em mãos mimeografado, foi solicitado que cada um realizasse uma leitura individual. Posteriormente trabalhamos a compreensão do texto exposto e em seguida a sala foi dividida em grupos e cada grupo expôs uma cantiga de roda na sala.

A apresentação da música ocorreu de forma animada, para os alunos, aquela atividade parecia mais uma brincadeira do que uma tarefa. Conseguimos que todos participassem então não houve dificuldades já que os alunos conheciam a maioria das cantigas de roda apresentadas. Observamos as habilidades dos (as) alunos (as), da

oralidade, junto com a socialização da turma e o incentivo à leitura, que consideramos um bom resultado nestes aspectos.

Utilizando o conhecimento prévio dos alunos sobre as frutas, expomos em outro momento várias gravuras em cartolina e questionamos os alunos de que maneira poderíamos utilizar aquelas frutas que são típicas da região nossa casa, alguns responderam e deram várias sugestões e então apresentamos para eles uma receita de salada de frutas, e distribuimos para cada um uma divertida receita mimeografada. Em seguida eu li o texto para eles e cada aluno leu individualmente e quem terminasse de ler recebia lápis de cera para que pintassem as gravuras na tarefa. Feito isso, solicitei que alguns falassem um pouco do que já tínhamos discutido. O intuito era incentivar a leitura, seja qual texto for e analisar o interesse e participação dos alunos. Contudo o resultado de compreensão não foi muito satisfatória, pois apesar de trabalhar com aspectos que eles conheciam, alguns não se sentiam a vontade para opinar, enquanto outros queriam transformar a sala numa bagunça.

Percebemos que não era trabalhada com os alunos histórias em quadrinhos, então desenvolvemos este conteúdo, no interesse de deixá-los bem à vontade, para aquele momento de leitura. Então, distribuí várias revistinhas e os deixei um pouco para que eles lessem, e dividimos a sala em equipes, já que a quantidade de revistas era menor que o número de alunos, e assim a turma foi dividida, mesclamos os (as) alunos (as) com maiores dificuldades de leitura dos que apresentavam menos. O interesse e participação foram bastante proveitosa, alguns falaram pouco dos personagens e das historinhas que tinham nas revistas. Aproveitando o abuso dos sinais de pontuação, chamamos a atenção deles sobre esse tema. Analisamos agora o conhecimento prévio dos alunos sobre esses sinais de pontuação que era razoável e a relação das gravuras com os sinais e frases.

Outro tema bem divertido para utilizar em sala de aula são as adivinhas, já nesta aula, foram apresentadas algumas adivinhas na cartolina e os alunos responderam algumas, após, apresentamos as respostas daquelas que a turma não respondeu. Sugerimos aos alunos outros tipos de adivinhas e alguns se mostraram bem à vontade e lançaram várias para a turma. Posteriormente discutimos acerca de como é importante realizarmos uma leitura atenta não só para este tipo de texto, bem como em outros. Nesta aula observamos a socialização da sala de aula para a leitura, esta foi bem divertida e os alunos participaram, respondendo e perguntando.

Em outro momento, propomos trabalhar com diversos portadores de textos, atentando-os para ler para buscar informações e reconhecer que todos os tipos de textos

contêm alguma informação. E assim o fizemos, distribuimos para a sala revistas, jornais, rótulos de produtos, papel e tesoura e solicitei que os alunos recortassem algo que houvesse o que citamos acima. Após o recorte e colagem do material, discutimos sobre o que os alunos produziram, realizamos a leitura de um dos anúncios contido em um dos trabalhos e pedimos que eles produzissem algum tipo de anúncio, assim, o fizeram, e alguns leram o que produziram para a sala. Esta aula também foi proveitosa, pois, todos realizaram a atividade, claro que alguns com suas dificuldades e limitações, todos tiveram o interesse de pesquisarem e escrever o que foi solicitado.

Assim, tentaremos trabalhar a leitura e o incentivo que deve evidenciar a escola, a este tema, questionando as dificuldades encontradas pelos alunos dos anos iniciais em trabalhar com leitura, e identificando tais dificuldades, para que assim, trabalhem para realizarmos uma prática bem desenvolvida, na vida educacional e pessoal de cada aluno, os proporcionado acesso a leitura e a oportunidade de se tornarem sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem e cidadãos que possam utilizar os benéficos da leitura na vida social e pessoal.

Considerações conclusivas

Em vista dos aspectos antes exposto, percebemos que uma pedagogia da leitura que objetiva o processo de construção do leitor, se funda na relação cotidiana do aluno com os diversos tipos de textos. Mais do que isso, uma pedagogia de leitura de cunho transformador que propõe, ensina e encaminha a descoberta da função da leitura pelos textos .

Consideramos que para promover a leitura é preciso assegurar oportunidades de estudos ou em programas educativos nos quais as pessoas possam continuar aprendendo ao longo da vida, as ações direcionadas a leitura juntamente com a alfabetização devem estar conectadas a possibilidades de aplicar e aperfeiçoar conhecimentos e habilidades recém – adquiridas. As práticas de alfabetização devem promover a leitura, a interpretação e a produção de uma grande diversidade de textos, o enfrentamento de variadas situações comunicativas, e o reconhecimento dos desafios e problemas que se colocam ao produzir uma mensagem, a reflexão sobre a linguagem, convertendo – se em objeto de análise e estudo, tendo em vista a comunicação e interação entre as pessoas.

É indispensável que os alunos leiam diariamente, para que de fato favoreçam o desenvolvimento da compreensão leitora, pois ler é um processo complexo, no qual todas as pistas e aprendizagens só podem ser alcançadas através da própria leitura.

No intuito de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades nos anos iniciais no processo de aquisição da leitura, constatamos também que é preciso fortalecer e apoiar os educadores, no sentido de serem pesquisadores e reflexivos em sua prática estabelecendo interações com os educandos nas quais respeitem as suas culturas, valores e expectativas. O grande desafio consiste em estabelecer um processo de formação permanente, promovendo aprendizagens relevantes para o profissional em educação no que diz respeito as suas práticas pedagógicas e assim correspondam as demandas educativas atuais do coletivo e não de interesses mundiais.

A escola deve propiciar que o encontro do aluno com o texto seja uma experiência gratificante e nesse sentido encorajar a quebra da rotinização, seja qual for o nível de leitura, existem várias dificuldades na aquisição da leitura, mas cabe a escola superá-las e trilhar com o alunos os caminhos da leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 9 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire.** Coleção primeiros passos. 1ª ed. São Paulo: brasiliense, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Prática de leitura e escrita.** 2006.

CARDOSO, Beatriz & TEBEROSKY, Ana (orgs). **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita.** Petrópolis: Vozes. 1993.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e prática.** Petrópolis: Vozes, 2005.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no currículo.** Fortaleza: tropical, 2001. (Coleção para professores nas séries iniciais, v.5).

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização.** 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção questões da nossa época, v.14)

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 41 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (Coleção Leitura)

GAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística.** 7 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PÉREZ, Francisco Corvajal & GARCIA, Joaquim Ramos. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

RANGEL, Mary. **Supervisão pedagógica: princípios e práticas**. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schilling – 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
PROFESSORA: MARIA JANETE DE LIMA
ALUNA: TEREZA CRISTINA ALVES SOARES

Caro professor,

A aplicabilidade desse projeto tem por finalidade analisar a prática docente do ato de ler, contribuindo para a melhoria da mesma no contexto escolar. Portanto, solicito que responda este questionário, deixando claro que tem apenas finalidades acadêmicas.

1. Você tem o hábito de ler?

sim não as vezes

2. Que tipo de leitura costuma fazer?

revistas jornais livros leio somente em função das exigências do meu trabalho outros

3. Que tipo de material utiliza na sala de aula para trabalhar a leitura? _____

4. Que estratégias de leitura você utiliza na sala de aula?

5. Quais as metodologias que utiliza na sala de aula para trabalhar leitura?

6. Na sua opinião o trabalho com a leitura pode interferir no processo de ensino aprendizagem?

Sim

Não

7. Qual a importância da leitura?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADEMICA DE EDUCAÇÃO
PROFESSORA: MARIA JANETE DE LIMA
ALUNA: TEREZA CRISTINA ALVES SOARES

Caro aluno,

A aplicabilidade desse projeto tem por finalidade analisar a prática docente do ato de ler, contribuindo para a melhoria da mesma no contexto escolar.

1. Você tem o hábito de ler?

sim não as vezes

2. Que tipo de leitura costuma fazer?

revistas jornais livros leio somente em função das exigências da minha professora gibis

3. Que tipo de material utiliza na sala de aula para trabalhar a leitura?

livro didático receitas literatura infantil panfletos

4. Que estratégias de leitura seu professor utiliza?

coletiva silenciosa individual dramatizada

5. Quais as metodologias que o seu professor utiliza em sala de aula?

aula expositiva debates produções textuais

6. Na sua opinião o trabalho com a leitura pode interferir no processo de ensino aprendizagem?

Sim Não

7. A leitura é importante para a vida

Sim Não